



## **O lugar dos semanários *Acción e Marcha* na difusão do latino-americanismo no Uruguai (1932-1945)**

**Mateus Fávaro Reis**

Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Congonhas.  
Doutorando em História e Culturas Políticas pela UFMG  
[mateus.reis@ifmg.edu.br](mailto:mateus.reis@ifmg.edu.br)

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo fazer uma breve reflexão a respeito do papel desempenhado pelos semanários *Acción e Marcha* na articulação do debate sobre a difusão do ideário latino-americanista em contraposição ao pan-americanismo, visto como imperialista, ao pensar o Uruguai numa perspectiva continental. Assim, ao abordar os movimentos de integração entre os países americanos, tais periódicos buscaram propor saídas para suas inquietações acerca do futuro do Uruguai, que aparecem em seus textos como o tema da viabilidade de um país com território relativamente pequeno e modesto em recursos humanos e naturais, quando comparado com os vizinhos mais próximos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Uruguai, latino-americanismo, pan-americanismo.

**ABSTRACT:** This article aims to give a brief reflection on the role played by *Acción* and *Marcha* weeklies in joint debate on the diffusion of Latin Americanist ideology as opposed to Pan Americanism, seen as imperialist, thinking Uruguay continental perspective. Thus, in addressing the integration movements among the American countries such periodicals propose sought outlets for their concerns about the future of Uruguay, which appear in his writings as the theme of the viability of a country with a relatively small territory and modest human resources and natural, when compared with the nearest neighbors.

**KEYWORDS:** Uruguay, Latin Americanism, Pan Americanism.

### **Introdução**

Os semanários *Acción* (1932-1939) e *Marcha* (1939-1974) foram fundados por jovens intelectuais que aspiravam ocupar um espaço de destaque tanto nos cenários políticos quanto culturais do Uruguai e da América Latina. Edificaram-se como centros de entrecruzamento de intelectuais e políticos perseguidos nos países vizinhos, orquestradas, acima de tudo, por três jovens intelectuais: Carlos Quijano, Julio Castro e Arturo Ardao.

Participantes ativos da vida política e intelectual do Uruguai, Quijano, Castro e Ardao haviam fundado um grupo político, denominado *Agrupación Nacionalista Demócrata Social* (ANDS), em 1928, com o objetivo de renovar os quadros políticos do país meridional. No interior da



ANDS, publicaram o diário *El Nacional*, que atuava como principal plataforma de suas ideias políticas e sociais, entre agosto de 1930 e novembro de 1931. Contudo, devido fundamentalmente à escassez de recursos financeiros e à derrota nas eleições nacionais neste último mês, *El Nacional* deixou de ser publicado<sup>1</sup>.

A despeito disso, os três intelectuais canalizaram seus esforços para a criação de um semanário intitulado *Acción*, em março de 1932. Inicialmente projetado como uma publicação de debate político, as páginas dedicadas à crítica literária e cultural uruguaia e latino-americana passaram gradativamente a ocupar mais espaço em *Acción*, além das matérias informativas sobre acontecimentos nacionais e internacionais.

Após passar por vários contratempos, durante os primeiros anos de vida do semanário, seus redatores fundaram a editora *Acción*, na forma de sociedade anônima, nos finais de 1938, cujo objetivo era angariar recursos financeiros para publicar livros de autores nacionais que possuíam ideias convergentes às divulgadas em suas páginas, bem como preparar a renovação e ampliação do semanário até então publicado<sup>2</sup>.

Ainda que a edição de livros pela editora fosse bastante limitada até finais dos anos 60, a publicação do semanário *Marcha*, também em formato tablóide, a partir de junho de 1939, compensou o investimento realizado no ano anterior e tornou-se um dos principais veículos de comunicação do Uruguai até 1974, ano em que foi empastelada pela ditadura militar, que durou de 1973 a 1985.

Quijano, Castro e Arturo Ardao, entre outros fundadores de *Acción e Marcha*, cresceram nestes ambientes e as escolhas dos títulos dos semanários fundados em 1932 – *Acción* – e 1939 – *Marcha* – não deixavam dúvidas sobre o lugar que eles buscavam ocupar no debate intelectual do Uruguai e da América Latina. Finamente escolhidos, eles indicavam ao leitor que as propostas de ambos os semanários estavam articuladas à ideia de movimento contínuo, de infatigável batalha a favor da transformação do mundo no qual se inseriam, na refundação dos debates e ações tanto para a reconstrução das coletividades nacionais quanto das almejadas propostas de unidade continental.

Os propósitos declarados pela redação evidenciavam os objetivos do semanário: “*ACCIÓN* será o sismógrafo que recolherá e apontará todas as inquietações de uma juventude

1 CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven QUIJANO. (1900-1933)*. Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 219.

2 Cf. La editorial en marcha. *Acción*, Montevideo, a. VII, n. 180, 09 de dezembro de 1938, p. 2.



que quer colocar um gesto enérgico e voluntarioso em seu aporte, nessa tarefa de forjar o porvir”. Além disso, tal semanário propalava que lutaria pela justiça social, a favor da “emancipação do trabalhador”, em um momento de “crise profunda” do capitalismo<sup>3</sup>.

Da mesma maneira, *Marcha*, sete anos mais tarde, estampou o título que convergia com sua prédica, alertou com fotos sobre o suposto perigo nazista no Uruguai e não deixou de assegurar a continuidade em relação à *Acción*, no artigo *ACCIÓN no ha muerto*:

Nossa consagração total ao bem público chegou a identificar-se plenamente com sua existência. Foi impossível nestes anos sombrios em que nós vivemos conceber uma separada da outra [...].

Durante sete anos, foi, sem concorrência, a tribuna mais característica ‘dos novos’.<sup>4</sup>

Por que os fundadores de *Acción* decidiram trocar o seu nome para *Marcha*? Provavelmente porque o substantivo *Acción* se ligava a dois movimentos de ultradireita na Espanha (*Acción Española*) e na França (*Action Française*), que nucleavam intelectuais contrários aos ideários republicanos e democráticos daqueles dois países. Ambos publicaram suas ideias principais por meio de um diário e de duas revistas, o *L’Action Française*, que substituiu a *Revue d’Action Française*, em 1908, e a revista *Acción Española*, que foi publicada entre 1931 e 1936. *Marcha*, porque quiseram manter a ideia original de movimento, de caminhar em direção a um objetivo: *la editorial en marcha*, como disseram os redatores, em 1938.<sup>5</sup> Em outras palavras, o objetivo principal era dotar o grupo de uma importante editora, o que somente ocorreu no final dos anos 60.

Vários dos mais expressivos intelectuais uruguaios passaram pela redação de *Marcha* e foram publicados por sua editora, como, entre muitos outros, os escritores Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti e Eduardo Galeano, os críticos literários Emir Rodríguez Monegal, Ángel Rama, Carlos Martínez Moreno e Jorge Ruffinelli, o pintor Joaquín Torres García, o músico Alfredo Zitarrosa, e os historiadores Carlos Real de Azúa e Juan E. Pivel Devoto, além das incontáveis contribuições internacionais.

*Acción e Marcha* dedicaram parte significativa de suas importantes reflexões à América Latina e aos Estados Unidos – ao pensar o Uruguai numa perspectiva continental –, abarcando os temas do latino-americanismo, hispano-americanismo e do pan-americanismo. Traçaram trajetórias dinâmicas e exerceram grande influência nos meios intelectuais e políticos do país, ao se engajarem em importantes discussões políticas e culturais.

<sup>3</sup> La Redacción. Propósitos. *Acción*, Montevideo, ano I, n. 1, 19 de mar. 1932, p. 1; 4.

<sup>4</sup> *ACCIÓN no ha muerto*. *Marcha*, Montevideo, ano I, n. 1, 23 de jun. 1939, p. 5.

<sup>5</sup> La editorial en marcha. *Acción*, Montevideo, ano VI, n. 180, 09 dez. 1938, p. 2. Grifos meus.



A hipótese central deste artigo é que o latino-americanismo e o pan-americanismo ocuparam um lugar de destaque nos dois semanários, o que se vinculava à constante necessidade dos uruguaios em pensar o *adentro* e o *afuera*, a *patria chica* e a *patria grande*, como as duas faces de uma mesma moeda.

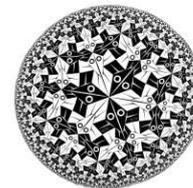
Em outras palavras, ao abordar os movimentos de integração entre os países americanos, tais periódicos buscaram propor saídas para suas inquietações acerca do futuro do Uruguai, que aparecem em seus textos – e de outras publicações – como o tema da viabilidade de um país com território relativamente pequeno e modesto em recursos humanos e naturais, quando comparado com os vizinhos mais próximos.

Em suma, mesmo diante de um imaginário nacional que procurava salientar as distâncias do Uruguai em relação a outros países latino-americanos, os redatores de *Acción* e *Marcha* defendiam que a América Latina era entendida como uma unidade, a *patria grande*, e que o imperialismo era um dos seus elementos constitutivos. Assim, a presença de matérias referentes a outros países da América Latina nos dois semanários buscavam promover entre os leitores a ideia de pertencimento a um espaço comum, cujos temas, posições políticas e principalmente as necessidades e reivindicações seriam comuns. Assim, visaram à construção e a consolidação do latino-americanismo no imaginário dos uruguaios, contra a posição oficial pan-americanista dos governos do país, durante os anos 30 e 40.

A análise dos textos publicados em *Acción* e *Marcha* revela que possuíam opiniões paralelas acerca do horizonte do Uruguai, ao sustentar que o país não poderia pensar em seguir uma trajetória isolada, preocupando-se em desenvolver somente seus potenciais internos, como, em certa medida, propunham os ensaístas e políticos de países como o Brasil, Argentina ou México. Em suma, a pedra de toque de seus discursos consistia em traçar e propor os caminhos de inserção do país no concerto internacional das nações, principalmente no cenário americano, uma vez que respondiam aos desafios de uma conjuntura histórica específica.

Os recortes temporais delimitam o ano de fundação de *Acción*, 1932, e um período de transição por que passou *Marcha*, entre 1943 e 1945. Assim, pode-se dizer que a primeira fase de *Marcha*, de 1939 a 1945, foi essencial para a reafirmação de seus caminhos latino-americanistas, que se tornariam cada vez mais contundentes.

Em linhas gerais, o tema do americanismo recebeu, desde o século XIX, especial destaque no pensamento latino-americano. Os caminhos para o seu estudo foram traçados por filósofos e historiadores entre as décadas de 1940 e 50, principalmente na Argentina, México e



Uruguai, em obras que buscavam a historicidade do pensamento político de diversos intelectuais do continente<sup>6</sup>.

A construção do latino-americanismo e do pan-americanismo recebeu importante atenção, entre 1889 e 1948. Ainda que não seja adequado sustentar que o movimento de delineamento da ideia de América Latina tenha ocorrido como projeção dos círculos intelectuais europeus em direção às Américas, segundo Arturo Ardao, Patricia Funes e Héctor Bruit, alguns grupos de intelectuais hispano-americanos que viviam na Paris de meados do século XIX atuaram como os motores desse processo<sup>7</sup>. O termo gradualmente passou a ter maior difusão, incorporando-se a ações oficiais no final da década de 1940, com a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com sede em Santiago do Chile.

O seu conteúdo básico consistia numa aproximação e desejável integração cultural, política e econômica dos países latino-americanos, em um período em que muitos intelectuais se engajaram em torno a revistas, associações culturais, clubes de debate e de estudos, na virada do século XIX para o XX, como demonstraram Susana Zanetti<sup>8</sup> e Beatriz Colombi<sup>9</sup>. Para as duas autoras argentinas, os intelectuais latino-americanos, particularmente os hispano-americanos, aproximaram-se devido às viagens que realizaram, ao exílio, à diplomacia, à participação conjunta em revistas e periódicos, além da troca de correspondências, o que levou ao fortalecimento da ideia de pertencimento a um espaço cultural comum.

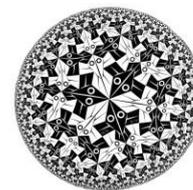
Por outro lado, o pan-americanismo representava a busca pela articulação econômica, política e cultural entre os países americanos, particularmente sob a liderança dos Estados Unidos. Ganhou seus contornos iniciais com a realização da Conferência Internacional Americana em Washington, entre outubro de 1889 e abril de 1890 e durante toda a primeira metade do século XX ocupou a agenda política e intelectual de praticamente todos os países americanos. O termo derivou-se de Pan-América e foi cunhado pela imprensa norte-americana,

<sup>6</sup> ARDAO, Arturo. *La inteligencia latinoamericana*. Montevideo: Universidad de la República, 1987. Optei pela grafia de Montevideo em espanhol para respeitar a versão original das obras uruguaias.

<sup>7</sup> ARDAO, Arturo. *Nuestra América Latina*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 40; FUNES, Patricia. *Del Mundus Novus al novomundismo*. Algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina. IN: DAYREL, Eliane Garcindo, IOKOI, Zilda M. Gricoli (coords.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996, pp. 77-95; BRUIT, Héctor H. A invenção da América Latina. *Revista Mestrado História*, Vassouras, RJ, revista do curso de mestrado em história, v. 5, p. 75-94, 2003.

<sup>8</sup> ZANETTI, Susana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina – Palavra, Literatura e Cultura*. La emancipación del discurso. Volume 2. São Paulo; Campinas: Memorial; UNICAMP, 1994, pp. 489-534.

<sup>9</sup> COLOMBI, Beatriz. *Viaje intelectual, migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2004.



em meados de junho de 1889, referindo-se ao congresso que estava programado para outubro do mesmo ano, ganhando grande difusão no vocabulário internacional<sup>10</sup>.

Os olhares dos intelectuais latino-americanos se aguçaram e, “numa relação especular mutuamente fascinada, os Estados Unidos e a América Latina construíram uma série de saberes sobre si e sobre o outro, sem os quais resultaria incompreensível a emergência do anti-imperialismo latino-americano”<sup>11</sup>. Maria Helena Capelato asseverou que a América Latina é uma “unidade diversificada”, que esteve, ao longo dos séculos XIX e XX, permeada por um dilema importante entre a unidade e o particularismo, acentuado em períodos de crise. A ideia de integração esteve presente em diversos momentos de sua história com contornos divergentes, mas com a base comum de constituir uma barreira ao domínio dos Estados Unidos sobre a América Latina. Esse cenário conflituoso estimulou os intelectuais a se enveredarem por caminhos que pudessem desvendar os elementos das identidades continentais<sup>12</sup>.

Como ressaltou Carlos Altamirano, desde parte dos discursos de Simón Bolívar, houve uma proliferação de ensaios de autointerpretação e de autodefinição, que buscavam responder a uma “demanda de identidade: quem somos os hispano-americanos? Quem somos os latino-americanos? Quem somos os argentinos? Quem somos os mexicanos? Quem somos os peruanos?”<sup>13</sup>.

Ao abordar o Brasil, Maria Lígia Coelho Prado salientou que nosso país edificou durante o século XIX uma relação ambígua com a América Latina, oscilando entre a ideia de ser e simultaneamente não ser América Latina<sup>14</sup>. Kátia Gerab Baggio aprofundou-se nesse tema e concluiu que a visão predominante de importantes intelectuais brasileiros sobre a América Hispânica, nas primeiras décadas do regime republicano brasileiro, ressaltou seus aspectos

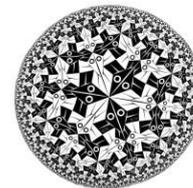
<sup>10</sup> Cf. ARDAO, Arturo. Panamericanismo y latinoamericanismo In: ZEA, Leopoldo (coord.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI: UNESCO, 1986, pp. 157-158.

<sup>11</sup> TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. *Punto de vista-Revista de cultura*, Buenos Aires, a. IV, n. 12, julio-octubre, 1981, p. 4.

<sup>12</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. América Latina: integração e história comparada. In: GEBRAN, Philomena; LEMOS, Maria Teresa T. B (orgs.). *América Latina: cultura, estado e sociedade*. Rio de Janeiro: ANPHLAC, 1994, p. 85.

<sup>13</sup> ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005, p. 22.

<sup>14</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*. São Paulo, n. 145, 2001, pp. 127-149.



negativos e contribuiu para a construção de opiniões preconceituosas e pejorativas sobre a “outra” América, que se difundiram por inúmeros setores da população<sup>15</sup>.

Devemos respeitar as especificidades de Brasil e Uruguai, fundamentalmente o fato de este pertencer ao tronco hispano-americano, mas pode-se afirmar que, ao longo das primeiras décadas do século XX, o país platino também oscilou entre ser e não ser América Latina, ressaltando mais as suas diferenças do que afirmando as semelhanças com os demais países da região.

A historiografia uruguaia das últimas quatro décadas problematizou esta relação ambígua dos uruguaios com a América Latina, ao longo de boa parte de sua história como país independente. Sua questão central consistiu em discutir a construção de um imaginário social<sup>16</sup> que se tornou preponderante nas três primeiras décadas do século XX, atingindo seu paroxismo na década de 1920.

Gerardo Caetano destacou também que o Uruguai tinha a “convicção” de que se constituía em um “país de exceção’ indiscutivelmente ‘superior’ a seus irmãos do continente”. O país platino foi visto por muitos intelectuais e políticos do período como o “primeiro país da América”, porque resolveria seus problemas de maneira institucional, em que seus habitantes respeitariam a legalidade e a democracia seria a base de uma cultura política hegemônica. Além disso, reiterava-se que a sua conformação étnica não se apresentaria como um “empecilho” ou “obstáculo” para a modernização, um dos principais contrapontos utilizados para diferenciá-lo em relação aos demais países da América Latina<sup>17</sup>.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, o Uruguai “modernizou-se”, vivenciou um expressivo crescimento de suas populações urbanas, destinou significativos recursos para a ampliação do sistema educacional e arquitetou as principais bases da vida política, caracterizada pela difícil construção e defesa da institucionalidade, a centralidade dos partidos políticos tradicionais, além de alguns impulsos, mas também freios na expansão tanto da democracia política quanto social.

---

<sup>15</sup> BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. 350 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, Departamento de História, FFLCH, São Paulo, 1998.

<sup>16</sup> Cf. BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopedia Einaudi*. v. 5 (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, pp. 296-332.

<sup>17</sup> CAETANO, Gerardo. Identidad nacional e imaginario colectivo en Uruguay. La síntesis perdurable del centenario. In: ACHUGAR, Hugo & CAETANO, Gerardo (comps.). *Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?* 3ª ed. Montevideo: Trilce, 1993, pp. 75-96.



Assim como na vizinha Argentina, o peso dos imigrantes desempenhou um papel de pressão para as transformações que ocorreram nas diversas esferas da coletividade nacional.<sup>18</sup> Os seus efeitos foram sentidos com maior evidência durante as primeiras décadas do século XX, após a ascensão dos colorados batllistas ao poder estatal, oriundo do Partido Colorado, sob a liderança de José Batlle y Ordóñez, que exerceu a presidência do país platino por dois mandatos não consecutivos, entre 1903 e 1907, e posteriormente de 1911 a 1915.

Respaldados pelas camadas médias urbanas e pelos imigrantes, os batllistas investiram de forma significativa na educação pública laica; aprovaram leis trabalhistas, como a jornada de trabalho de 8 horas semanais, o direito de realizar greve e outras garantias para os trabalhadores; legalizaram o divórcio; empenharam-se em uma luta pela secularização dos hospitais, dos cemitérios e do calendário; arquitetaram as bases para a adoção do regime de colegiado, para compartilhar o Poder Executivo com o presidente, entre 1919 e 1933; dentre outras reformas. No entanto, não promoveram maiores transformações na estrutura fundiária do país, que dependia em grande medida das exportações de carne e de lã.<sup>19</sup>

Além disso, os batllistas foram responsáveis pela consolidação de um imaginário social integrador, ancorado na primazia do “público” sobre o “privado”; na existência de uma matriz democrático-pluralista de base partidocêntrica; no caminho reformista; na primazia do mundo urbano e cosmopolita sobre o rural; no culto à “excepcionalidade” uruguaia no contexto latino-americano; no respeito à legalidade; na integração social e na propensão à ideia de fusão de culturas.<sup>20</sup>

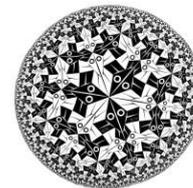
O país caracterizava-se, assim, pelo fortalecimento das camadas médias urbanizadas, que pressionavam por mudanças democráticas, passava por um período de relativa estabilidade política e por bons índices de crescimento econômico, o que não teve continuidade ao longo da

---

<sup>18</sup> ZUBILLAGA, Carlos. La utopía cosmopolita. Tres perspectivas históricas de la inmigración masiva al Uruguay. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1998, p. 35; ZUBILLAGA, Carlos. Breve panorama da imigração maciça no Uruguai (1870-1931). In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999, pp. 419-460.

<sup>19</sup> Cf. ODDONE, Juan A. A formação do Uruguai moderno (1870-1930). In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, 2002, v. 5, pp. 609-631; BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamin. *Battle, los estancieros y el Imperio Británico*. 8 Tomos. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1981-1987; CAETANO, Gerardo. *La república batllista*. Ciudadanía, republicanismo y liberalismo en Uruguay (1910-1933). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

<sup>20</sup> Cf. CAETANO, Gerardo. Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo. *Cuadernos de CLAEH*, Montevideo, n. 49, 1989, pp. 85-106; SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do “batllismo” no Uruguai: 1903-1958*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.



década de 1930, particularmente a partir da crise de 29 e do golpe de Estado liderado pelo também colorado Gabriel Terra, em 1933.<sup>21</sup>

Entretanto, as reformas batllistas, antes mesmo do golpe de 1933, foram combatidas por diversos grupos conservadores originários tanto do Partido Nacional quanto do próprio Partido Colorado. Para Gerardo Caetano, a presidência do também colorado Feliciano Viera, entre 1915 e 1919, marcou o início de um freio ou da tentativa de bloqueio às reformas batllistas, que ficou conhecido como a *política del alto*. Entre as suas principais características, marcadas por uma retensão, Caetano salientou que se congelou a ampliação da legislação social; ocorreu a tentativa de diminuir o papel do Estado na economia e na arbitragem dos conflitos sociais; houve a suspensão de uma política tributária sobre os grupos mais ricos com fins redistributivos; e o movimento sindical sofreu forte repressão<sup>22</sup>.

Os intelectuais fundadores de *Acción e Marcha*, chegaram à cena pública uruguiaia em meio aos principais debates arquitetados durante as primeiras décadas do século XX, que atingiram o seu ápice durante os “dourados anos 20”. Não obstante as exaltações nacionais e nacionalistas floresciam opiniões divergentes no país. Nos anos de comemorações pelo Centenário da Independência, durante a década de 20, os uruguaios travaram diversas batalhas ideológicas em que um amplo conjunto de controvérsias sobre os seus principais elementos constitutivos, marcadamente a disputa pela nação e pelo passado. Foi um período rico em “tensões e controvérsias criativas”<sup>23</sup> e os diferentes grupos sociais e políticos se envolveram em debates frutíferos nos diferentes locais de convivência de uma intelectualidade que formava um círculo relativamente pequeno, mas bastante atuante e conectado com os meios intelectuais de outros países, particularmente com os argentinos.

Cabe ressaltar que, particularmente a partir dos anos 1910, os “discursos-diagnósticos” que se nutriam de fontes darwinistas sociais e evolucionistas passaram a ser criticados de maneira

---

<sup>21</sup> Cf. JACOB, RAÚL. *El Uruguay de Terra, 1931-1938*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1983; CAETANO, Gerardo; JACOB, Raúl. *El nacimiento del terrismo (1930-1933)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1989.

<sup>22</sup> CAETANO, Gerardo. *La república conservadora (1916-1929)*. La guerra de posiciones. Tomo II. Montevideo: Fin de Siglo, 1993, pp. 17-8.

<sup>23</sup> CAETANO, Gerardo. *Los uruguayos del Centenario*. Nación, ciudadanía, religión y educación (1910-1930). Montevideo: Santillana, 2000, p. 13.



crescente, por intelectuais europeus e americanos, insatisfeitos com as perspectivas etnocêntricas em voga<sup>24</sup>.

### **É preciso agir: os anos de fundação de *Acción e Marcha***

*Acción e Marcha* se enveredaram por esse cenário polêmico, procurando evidenciar a disputa, não menos significativa, que se estabelecia no país platino entre os intelectuais em prol do ideário latino-americanista ou do pan-americanista, que visavam uma integração cultural, econômica e política. Além disso, criticaram a ascensão de movimentos de cunho autoritário e lutaram a favor da difusão de ideais republicanos e socialistas. Defenderam a República Espanhola, em face do avanço franquista; apoiaram as Associações de Intelectuais, Artistas, Periodistas e Escritores (AIAPE), de forma conectada aos vizinhos argentinos e brasileiros, que tinham como objetivo a defesa da cultura e da democracia<sup>25</sup>, particularmente *Acción* militou em prol da formação da Frente Popular<sup>26</sup>, entre outras ações na vida pública que articularam a prática cultural e política, para além dos textos que publicaram.

O embate entre o pan-americanismo e o latino-americanismo marcou a discussão durante as décadas de 30 e 40. De um lado, parte da ação e da política externa dos Estados Unidos recebeu o respaldo de muitos governos dos países latino-americanos. De outro, as posições das esquerdas, para além dos comunistas, defenderam o latino-americanismo como oposição aos governos vigentes, representados em muitos casos por ditaduras, como no Uruguai a partir de 1933.

Nos finais de agosto de 1932, um editorial-chave de *Acción* explicitava as principais inquietações daquele grupo de intelectuais capitaneados por Quijano, Ardao e Castro a respeito do presente e do futuro uruguaio e internacional, pelo qual constataavam a “confusão”, “incertezas” e “anarquia” material e espiritual do pós-Primeira Guerra, por um lado, mas que se apresentava como um período gestacional de profundas transformações, por outro. Para tais intelectuais, aquele momento apresentava-se como ideal para pensar as suas posições “entre o

<sup>24</sup> Cf. FELL, Eve-Marie. Primeras reformulaciones: del pensamiento racista al despertar de la conciencia revolucionaria. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994, v. 2, pp. 577-595.

<sup>25</sup> Cf. CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. *Literatura y lingüística*, Santiago, n. 17, pp. 195-218, 2006.

<sup>26</sup> As Frentes Populares tiveram maior êxito na Espanha, França e Chile, ao promoverem a união de grupos de esquerda e centro-esquerda em torno da luta contra o fascismo e o nazismo. As suas edificações, nem sempre isentas de problemas internos, foram favorecidas pelo aval da Internacional Comunista, a partir de 1935. Sobre a Frente Popular chilena, ver: AGGIO, Alberto. A experiência da Frente Popular no Chile. In: ALMEIDA, Jaime de (org.). *Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contorno de um campo historiográfico*. Brasília: ANPHILAC, 1998, p. 665-670; AGGIO, Alberto. **Frente Popular, radicalismo e revolução passiva no Chile**. São Paulo: Fapesp/Annablume, 1999.



grito agoureiro de Spengler e a profissão de fé esperançada e otimista do grupo *Clarté* dos intelectuais encabeçados por Barbusse”, isto é, em meio à “Nova Idade Média” do alemão ou a “plenitude vital” e “cultura ecumênica” de Wells e Keyserling respectivamente.<sup>27</sup>

A mensagem divulgada por aquele editorial, ancorada, acima de tudo, em Keyserling, insistia sobre a responsabilidade individual dos intelectuais, bem como da juventude para a edificação de novas formas de pensamento e de sociabilidade:

Em meio de toda essa desorientação, somente uma coisa sabemos e ela é suficiente: toda a humanidade será o que queremos que seja.

Não é para perguntar o que se deve fazer, mas sempre, em cada caso, o que eu devo fazer.

Daqui em diante importa o indivíduo. Somente quando existam muitos indivíduos, que tenham resolvido seus problemas pessoais, será possível a realização de uma modificação molecular da totalidade.<sup>28</sup>

Tempos de cruzamento de utopias e distopias, com vantagens para aquelas sobre estas últimas, pelo menos até os finais dos anos 20, e se lançamos mão das categorias propostas por Reinhardt Koselleck<sup>29</sup>, podemos argumentar que a balança da “jovem” América pendia favoravelmente para o “horizonte de expectativas” sobre o “espaço de experiência”.

O interesse dos fundadores de *Acción* pelas correntes de esquerda, as quais formavam os alicerces de suas trajetórias políticos-intelectuais, foi catalisado pela ascensão das ideias fascistas e, acima de tudo, pelo golpe de 1933, e naquele mesmo número em que Carlos Quijano iniciava a publicação do curso sobre o marxismo, o editorial de capa *Hacia la izquierda* buscava definir as noções de esquerda (contra a ditadura, a favor da democracia; luta por justiça, reforma agrária e efetiva independência do capital estrangeiro) e direita (a favor da ditadura, direito inalienável à propriedade, liberalismo; não aceita reformas profundas, amparo ao capital estrangeiro, reação, etc.), bem como concluía que a oposição somente poderia nuclear-se em torno das esquerdas.<sup>30</sup>

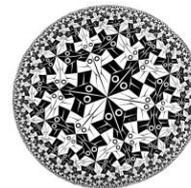
Para Quijano, três meses após *Acción* ser proibida de circular, os acontecimentos haviam mostrado que a muitas vezes glorificada democracia uruguaia – que se expressava mediante as imagens de “Suíça da América”, “Arcádia feliz”, “*Como el Uruguay no hay*” ou “Atenas do Prata” – não passava de “fachada” e de “ vaidade infantil”. Entretanto, ao citar o ditado popular “há males que vêm para bem”, Quijano assinalou que a ditadura produziria alguns bens indiretamente,

<sup>27</sup> La inquietud de nuestra época. *Acción*, Montevideo, a. I, n. 22, 29 de agosto de 1932, p. 1

<sup>28</sup> La inquietud de nuestra época. *Acción*, p. 1.

<sup>29</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, pp. 305-27.

<sup>30</sup> QUIJANO, Carlos. *Hacia la izquierda*. *Acción*, Montevideo, a. I, n. 22, 29 de agosto de 1932, p.1.



como o de depurar os partidos, o de mostrar “os homens tal como são” e o de obrigar “a novas formações políticas”<sup>31</sup>.

Nesse contexto, o líder da ANDS elaborou uma interpretação bastante desoladora sobre as ditas democracias “americanas”, classificadas como “inorgânicas”, com um “verniz de cultura”, “sem tradição” e “sem ideais profundos”, entre outras faltas<sup>32</sup>.

Existia alternativa para aqueles que eram contrários à ditadura? No entender de Quijano, o caminho era convergente: a preocupação em “estudar as modernas correntes sociais a fim de orientar nossa ação política frente ao momento crítico que estamos vivendo”. Ao definir o lugar de *Acción*, em julho de 1933, Quijano afirmou que se vinculavam criticamente às doutrinas socialistas, pois representavam “uma tendência política com métodos e fins próprios, que acredita ter ou aspira criar uma teoria para a ação”<sup>33</sup>.

Se a ANDS expressava esta adesão “crítica”, ela se aproximaria dos socialistas? Como se relacionariam a partir daquele momento? Seria o início de uma aproximação que pudesse levar à formação de uma aliança contra os grupos de direita, como iria ocorrer com as Frentes Populares na França, na Espanha e no Chile?

Em primeiro lugar, de forma convergente a algumas ideias sustentadas pelo Partido Socialista do Uruguai, Quijano buscava mostrar as possibilidades de leitura de Marx, de forma não ortodoxa. Para ele, Marx evocava os caminhos revolucionários para a tomada de poder em todos os países, a exceção talvez dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Holanda, onde as vias legais poderiam ser eficazes na construção do socialismo. O diretor de *Acción* afirmava que Marx não havia proposto medidas e estratégias semelhantes para todos os países, e concluiu que não havia, portanto, “uma tática dogmática”.<sup>34</sup>

Em segundo lugar, Quijano recebia muitas críticas de outros grupos de esquerda do Uruguai, particularmente dos socialistas e dos comunistas, desde seu mandato como deputado pela ANDS, entre 1928 e 1931. Porém, segundo Quijano, havia uma causa em comum que deveria uni-los naquele fatídico ano de 1933: a luta contra a ditadura, que havia levado ao exílio, entre outros importantes opositores, o líder socialista Emilio Frugoni.

<sup>31</sup> QUIJANO, Carlos. Un estudio de la situación política. In: *Acción*, Montevideo, a. II, n. 47, 04 de julho de 1933, pp. 1-2.

<sup>32</sup> QUIJANO, Carlos. Democracia y legalismo. In: *Acción*, Montevideo, a. II, n. 50, 29 de julho de 1933, pp. 1-2.

<sup>33</sup> Un curso de Carlos Quijano. De Marx a De Man. *Acción*, Montevideo, a. II, n. 50, 29 de julho de 1933, pp. 5-6.

<sup>34</sup> QUIJANO, Carlos. *Acción*, Montevideo, a. I, n. 50, 29 de julho de 1933, p. 8.



Finalmente, havia uma postura anti-imperialista entre todos eles, que faziam uma leitura tanto do passado quanto do presente do Uruguai e da América Latina em chaves de luta contra a opressão dos colonizadores, posteriormente do imperialismo inglês e norte-americano, além da luta contra a supremacia das agrupações partidárias tradicionais, como os *batllistas*, *terristas* e *riveristas* do Partido Colorado e os *berreristas* do Partido Nacional.

Contudo, por um lado, os desentendimentos entre os grupos de esquerda, que disputavam, em muitas vezes, o apoio dos mesmos movimentos ou os votos de eleitores em comum, impediam a formação de uma aliança política mais duradoura contra a ditadura. Por outro lado, havia muitas disputas entre o Partido Comunista e o Partido Socialista, pois aqueles seguiam a tática da III Internacional (Comunista) que condenava a formação de uma frente única com os partidos socialista e socialdemocratas, entre 1928 e 1933.<sup>35</sup>

*Acción* se transformou em um dos principais meios que ensaiaram, sem sucesso, a criação de uma Frente Popular no Uruguai. Enquanto a ANDS e *Acción* promoviam atos públicos de apoio à democracia espanhola, eram publicadas as primeiras páginas a respeito da necessidade de união de toda a oposição<sup>36</sup>. As epígrafes também passaram a expressar o lugar que a Frente Popular iria ocupar no país, que tinha como objetivo terminar “com os *vende-patrias*”<sup>37</sup>.

Havia espaço para o uso da violência em momentos trágicos como a recém-iniciada Guerra Civil Espanhola? Sim, pois, segundo *Acción*, o mundo havia mudado. Diante dos fascismos espalhados pelo mundo, a força havia substituído o respeito às regras democráticas:

É a força que hoje manda, e é a força que decide e decidirá em todo o mundo, a luta sem quartel entre o fascismo e a democracia social.

Lamentável que seja assim? Sem dúvida. Mas tampouco é questão de ter muitas aversões à violência. Tinha razão Sorel. Há violências sagradas, depuradoras. [...]

Entretanto, fazemos votos por seu triunfo, que fique registrada nossa profunda admiração pela juventude e o heroísmo da raça, que uma vez mais fará pasmar o mundo. A Espanha continua a ser uma das grandes reservas da humanidade.<sup>38</sup>

A força poderia ser utilizada no cenário uruguaio também? Ou era melhor lutar sem armas, pelas vias eleitorais? Além disso, como confiar em eleições realizadas no interior de uma

<sup>35</sup> FREGA, Ana, MARONNA, Mónica, TROCHON, Yvette. *Baldomir y la restauración democrática (1938-1946)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1987, p. 21. Para uma história introdutória sobre as esquerdas no Uruguai, consultar: CAETANO, Gerardo; GALLARDO, Javier; RILLA, José. *La izquierda uruguaya*. Tradición, innovación y política. Montevideo: Trilce, 1995.

<sup>36</sup> Frentismo y Antifrentismo. El miedo a las palabras. *Acción*, Montevideo, a. V, n. 129, 07 de abril de 1936, pp. 1 e 8.

<sup>37</sup> Cf. *Acción*, Montevideo, a. V, n. 134, 16 de julho de 1936, p. 1.

<sup>38</sup> Lo de España. In: *Acción*, Montevideo, a. V, n. 135, 29 de julho de 1936, p. 3.



ditadura? Com todas essas perguntas em mente, *Acción* defendeu que a formação da Frente Popular não representava nem o desaparecimento dos partidos políticos, nem à volta às urnas “de forma sub-reptícia”. Do mesmo modo tampouco significava “uma covarde entrega dos demais ao partido comunista ou a qualquer outro partido”<sup>39</sup>. A proposta era realizar um acordo pragmático, limitado temporalmente para lutar contra as forças reacionárias.

Dessa forma, a convocação da ANDS, por meio de *Acción*, deixava entrevista uma possibilidade inclusive de se utilizar a força na tentativa de derrotar o “inimigo em comum”. Contudo, mais do que um chamado à força, prevaleceu um tom de desconsolo em face de uma certa passividade e desunião na luta dos grupos opositores, que deveriam ter em mente que naqueles momentos trágicos, pela democracia era preciso fazer o possível e o impossível, atuar o mais rápido possível antes que todos fossem esmagados impiedosamente<sup>40</sup>.

Os clamores dramáticos de *Acción* pela formação da Frente Popular tiveram que ser abortados no final de 1937, pois não se chegou a um consenso entre os grupos de oposição. A saída encontrada foi a abstenção nas eleições presidenciais e apontar a “ilegitimidade” da vitória do então Ministro da Defesa Alfredo Baldomir, que era cunhado de Gabriel Terra.

Mas qual era a democracia almejada pelos fundadores de *Acción e Marcha*? Uma democracia que conseguisse conjugar liberdade política, em seu mais amplo aspecto de participação e de soberania popular, sem qualquer tipo de restrição, com a garantia de direitos sociais, que não se resumisse à liberdade individual, orquestrada pela atuação de um Estado, baseado em princípios, cuja orientação estivesse pautada firmemente na busca do bem comum. Um Estado forte o bastante para conseguir canalizar as principais demandas sociais do país, a ponto de concretizar uma reforma agrária, que os batllistas haviam menosprezado.

Nesse sentido, *Acción* publicou uma rigorosa crítica de Quijano a José Enrique Rodó, autor de *Ariel* (1900), que nas primeiras décadas do século XX era visto como o *maestro* da juventude<sup>41</sup>. O tom foi de censura às concepções rodonianas acerca da democracia, quando alguns diários uruguaios invocavam-nas para articular a oposição contra a ditadura terrista.

<sup>39</sup> 3 falsedades. In: *Acción*, Montevideo, a. V, n. 138, 14 de setembro de 1936, p. 1.

<sup>40</sup> La marea sube. In: *Acción*, Montevideo, a. V, n. 139, 30 de setembro de 1936, p. 1.

<sup>41</sup> De maneira bastante sintética, Rodó adaptou os personagens da peça *A Tempestade* (1613), de William Shakespeare, para tramar a contraposição de seus personagens principais, *Calibán* (representando os Estados Unidos) e *Ariel* (América Latina), em face de *Próspero* (Europa). O primeiro se caracterizava pelo utilitarismo interessado, vulgarização da cultura, individualismo medíocre e pela democracia baseada no número. Para Rodó, essas características anulavam qualquer noção de qualidade em Calibã. Assim, representava a preocupação absoluta com o triunfo material, a despeito de qualquer densidade histórica. *Ariel*, em contrapartida, representava a tradição humanista latino-americana, herdeira, para



Se, por um lado, Quijano destacou brevemente que Rodó empenhou sua pluma “para fustigar a todos os tiranos da América”, por outro, bem mais enfático, reprovou a influência de Renan como fonte de seu ideário, se bem que reconheceu a apropriação crítica do autor uruguaio em relação às ideias do francês, e destacou que Rodó exaltou a liberdade e a fraternidade, mas não a igualdade. Para o diretor de *Acción*, Rodó “teve sempre uma fria atitude intelectual aristocrática a respeito das multidões, e proclamou frente ao movimento de ascensão das massas o princípio da hierarquia, como condição necessária de todo progresso”<sup>42</sup>. Quijano o classificou como um democrata liberal heterodoxo, que não deveria servir de inspiração para os grupos de oposição à ditadura terrista, porque teria contemplado a vida como um espetáculo, não a vivido como um drama.

A revalorização do Rodó de *Ariel* buscava, além de relativizar o seu lugar como *maestro* e de apontar os limites práticos daquela mensagem, vicejar um lugar de destaque para os representantes de uma nova geração, que propunham a reconstrução de um mundo que se desmanchava a passos largos. O discurso de Rodó andava na contramão das necessidades da hora. Era preciso agir, se rebelar não somente contra a ditadura, mas também contra aquela democracia rotineira, institucional e com a centralidade de partidos tradicionais dos inícios do século XX. Era preciso, em primeiro lugar, derrotar os grupos golpistas para em seguida construir outra democracia.<sup>43</sup>

### **Anti-imperialismo, pan-americanismo, latino-americanismo**

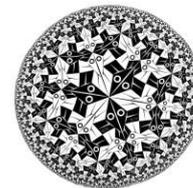
O discurso anti-imperialista de *Acción* era animado em grande parte por Quijano e Ardao, que receberam uma carta de apoio de Henri Barbusse, ao mencionar que o argentino Manuel Ugarte havia indicado *Acción* como uma tribuna de luta contra o imperialismo. Barbusse solicitou o apoio do semanário uruguaio para expandir o movimento na América do Sul, após a realização de um “congresso mundial contra a guerra imperialista”, na cidade de Amsterdã, em

---

o autor uruguaio, da cultura greco-latina, com seu idealismo e espiritualismo que convergiam para a ação não utilitarista dos povos da América Latina.

<sup>42</sup> QUIJANO, Carlos. Rodó y la Democracia. *Acción*, Montevideo, a. IV, n. 115, 08 de maio de 1935, p.3.

<sup>43</sup> É preciso sublinhar que *Ariel* e o arielismo passaram por incontáveis revisões que precisam ser sempre contextualizadas. Quijano escreveu muitos textos sobre Rodó, em que declarou sua admiração intelectual pelo escritor, mas desde um artigo publicado pelo diário *El País*, em 26 de setembro de 1927, adotou uma postura de realçar as insuficiências práticas de seus pressupostos. Cf. QUIJANO, Carlos. Cartas a un lector [Rodó: una lectura de *Ariel*]. In: *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 168. Para uma breve introdução ao pensamento de Rodó e do arielismo, consultar: CASTRO, Belén. Introducción. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000, pp. 9-125; GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. El extraño caso de la estatua parlante: *Ariel* y la retórica magisterial del ensayo latinoamericano.. In: *La voz de los maestros: escritura y autoridad en la literatura latinoamericana moderna*. Madrid: Editorial Verbum, 2001, pp. 28-61; MITRE, Antonio. Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despertar da modernidade em *Ariel* de Rodó. In: *O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, pp. 103-19.



agosto de 1932, com o incentivo de Barbusse e Romain Rolland. A carta manifesto do escritor francês ganhou destaque em *Acción*, o que reforçava a autoridade de seu discurso anti-imperialista.<sup>44</sup>

Foram publicados muitos artigos sobre A Guerra do *Chaco*, entre o Paraguai e a Bolívia, interpretada com lentes anti-imperialistas, e sobre as Conferências Pan-americanas, por meio dos quais se denunciavam os interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos, além de uma suposta “bancarota da civilização ianque”<sup>45</sup>. Além disso, o imperialismo não era visto somente como uma ação norte-americana ou europeia. Os redatores de *Acción* não deixaram de mencionar que tanto a Argentina quanto o Brasil haviam sido corresponsáveis pela destruição do Paraguai no século XIX, e que havia uma sinergia de interesses entre os argentinos e os ingleses pelo petróleo *chaquenbo*<sup>46</sup>.

Entretanto, dois anos antes, em janeiro de 1933, *Acción* alertou seus leitores sobre o centenário da ocupação inglesa das Ilhas Malvinas, ao publicar o manifesto de Ramiro Campos Turmo, presidente da *Liga Pro Hispanoamérica* (LPHA), contra a ocupação perpetrada a partir de 1833. Para Campos Turmo, os países hispano-americanos deveriam lutar para construir uma federação, devido à gravidade do momento, mas que também se mostrava extremamente oportuno, com as crises que assolavam a Europa e os Estados Unidos. Se não fosse possível formar uma unidade entre todos os países hispano-americanos, o presidente da LPHA aconselhava pelo menos que se organizasse “a República dos Andes, implantando a capital em Arequipa [Peru], para salvar os países produtores de petróleo, cuja morte está decretada”<sup>47</sup>.

O discurso anti-imperialista de *Acción*, ainda que não se restringisse a falar em termos de hispano-americanismo ou a delimitar regiões dentro da América Latina, ganhava o apoio de intelectuais de outras latitudes. Mas ao propor uma luta conjunta contra as ações imperialistas, *Acción* deixou de perceber as suas peculiaridades regionais? Além disso, Quijano em particular e *Acción* no geral conseguiram fugir de algumas visões pejorativas sobre os países latino-americanos?

Nem sempre, pois em um artigo cujo título parecia fazer uma evocação do exemplo de “A lição de Cuba”, após o fim da ditadura de Machado, Quijano reforçava que o “verdadeiro

<sup>44</sup> Contra la guerra. Un manifiesto de Barbusse [Carta enviada a C. Quijano]. *Acción*, Montevideo, a. I, n. 34, 31 de dezembro de 1932, p.3.

<sup>45</sup> La bancarrota de la civilización yanqui. *Acción*, Montevideo, a. I, n. 35, 07 de janeiro de 1933, p. 7.

<sup>46</sup> A propósito del conflicto del Chaco. *Acción*, Montevideo, a. IV, n. 111, 19 de março de 1935, pp. 4-5.

<sup>47</sup> CAMPOS TURMO, Ramiro. El Centenario de la ocupación inglesa de las Malvinas. *Acción*, Montevideo, a. I, n. 35, 07 de janeiro de 1933, p. 2.



drama” de José Martí continuava vigente, e argumentou que apesar da mudança de postura do presidente norte-americano Roosevelt, ao lado de outras correntes políticas do país, em relação ao intervencionismo, a ilha caribenha tinha poucas chances de construir uma democracia real porque Cuba era um país de “lutas raciais, de analfabetismo dominante, carente de toda cultura política, sem sentido de medida, valores ou hierarquias disciplinares, corrompida pelo clima, com organização econômica que possuía resquícios da escravidão e trinta anos de política venal”<sup>48</sup>. Por que então “A lição de Cuba”, se como afirmou Quijano, o Uruguai possuía características distintas, por estar mais distante da ingerência norte-americana, por ter outras características econômicas e políticas, por ter vivido mais tempo com governos soberanos e por não ter os mesmos problemas socioculturais?

Porque o exemplo de Cuba mostrava que não se podia sobre-estimar o esforço pessoal, além de mostrar que as ditaduras não duravam para sempre e que muitas vezes o contexto internacional poderia favorecer ou desfavorecer o desenrolar dos acontecimentos, pois havia uma conexão entre o papel dos indivíduos e as estruturas sociais, econômicas e políticas. Logo, somente a ação em conjunto, a concentração de esforços pessoais poderia traçar novos rumos para a construção das democracias nas Américas. Democracias no plural, pois as tarefas e métodos de cada país eram distintos. Não se poderiam importar estratégias, era preciso ter criatividade, ancorada sempre no desejo e na ação, para se chegar aos objetivos<sup>49</sup>.

O discurso anti-imperialista e antifascista de *Acción* chegou às poucas páginas de crítica literária e cultural de *Acción*? E o Brasil, recebeu alguma atenção por parte dos seus redatores, que difundiam o latino-americanismo contra o pan-americanismo?

Como assinalou Pablo Rocca, os uruguaios de *Acción* e das revistas literárias uruguaias ainda não dedicavam tanto espaço para a produção cultural latino-americana à exceção da publicação de alguns poemas de Pablo Neruda<sup>50</sup> – ou de trechos de Graciliano Ramos<sup>51</sup>. A despeito disso, a preocupação em interpretar os vizinhos próximos ou distantes, em escalas nacionais ou internacionais, mobilizou os redatores de *Acción* e *Marcha* desde os seus começos. Os olhares sobre o Brasil, no contexto latino-americano, se multiplicaram, inicialmente em muitas

<sup>48</sup> La lección de Cuba. *Acción*, Montevideo, a. II, n. 69, 18 de janeiro de 1934, p.1.

<sup>49</sup> La lección de Cuba. *Acción*, p. 8.

<sup>50</sup> ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay: 1939-1974. Montevideo: IMM-División Cultura, 1992, p. 16.

<sup>51</sup> Cf. RAMOS, Graciliano. *Angústia* (fragmento). *Marcha*, a. VI, n. 241, 14 de julho de 1944, p. 14-15; La prisión de J. Carmo Gómez. *Marcha*, a. VI, n. 247, 25 de agosto de 1944, p. 14-15 e *Marcha*, a. VI, n. 248, 01º de setembro de 1944, pp. 14-5.



comparações realizadas entre o governo de Getúlio Vargas – antes mesmo do Estado Novo (1937-1945), o de Gabriel Terra e o de Agustín Justo na Argentina.

Para *Acción*, eram todos ditadores que emanavam de posições autoritárias em voga em praticamente o mundo todo, defensores das grandes empresas, contrários às aspirações dos trabalhadores. No seu entender, tanto o governo Vargas quanto o governo Terra haviam aprovado constituições sem a participação popular e, portanto, eram ilegítimos. Ao final, a conclusão era de que em resposta ao abraço que Terra daria em Vargas em sua iminente visita ao Rio de Janeiro, os povos do Uruguai e do Brasil, contrários às ditaduras se uniriam na luta, mediante uma “livre federação de forças, triunfadora das tiranias políticas, das submissões econômicas e das injustiças sociais”.<sup>52</sup>

De 1934 a 1939, em *Acción*, e a partir de 1939, em *Marcha* foram publicados inúmeros artigos sobre o Brasil, que no cenário latino-americano somente não recebeu mais atenção do que a Argentina e o próprio Uruguai. Desde textos escritos pelos redatores e colaboradores até entrevistas com perseguidos políticos, manifestos contra o governo Vargas e imagens que buscavam retratá-lo como a contracara do porvir.

Somente para citar três exemplos, em janeiro de 1936, *Acción* publicou *La situación del Brasil*, em que se pintou um quadro extenso e rico em demonstrar a disparidades regionais brasileiras, em suas formações geográficas, políticas, econômicas e sócio etnográficas, realçando o conflito e a violência em sua formação, devido aos “castigos corporais”, “torturas”, “violação de jovens e crianças”, “miséria física e moral indescritível e um analfabetismo absoluto”<sup>53</sup>. Segundo o texto, sem autor identificado, as fontes de informações vinham de um dos atores da recente “Revolução do Norte” – “Intentona Comunista” – que se encontrava exilado no Uruguai. Para o(s) autor(es), a situação era muito pior do que a do campo uruguaio, onde a “separação de classes chega ao máximo de tensão”<sup>54</sup>. O texto concluiu com uma manifestação de apoio à Aliança Nacional Libertadora (ANL) – que foi reafirmada em diversos momentos<sup>55</sup>, ao realçar

<sup>52</sup> Getulio y Gabriel. *Acción*, Montevideo, a. III, n. 87, 05 de julho de 1934, p. 2. Terra visitou o Brasil em agosto de 1934. Vargas retribuiu a visita em junho do ano seguinte. Durante a visita ocorreu um atentado a Terra, que saiu ileso, no Hipódromo de Maroñas, em Montevideo. Cf. JACOB, RAÚL. *El Uruguay de Terra, 1931-1938*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1983, p. 73.

<sup>53</sup> La situación del Brasil. In: *Acción*, Montevideo, a. V, n. 124, 13 de janeiro de 1936, p. 4.

<sup>54</sup> La situación del Brasil. In: *Acción*, Montevideo, a. V, n. 124, 13 de janeiro de 1936, p. 7.

<sup>55</sup> Cf. La crisis político-social del Brasil. La verdad verdadera sobre la revolución que se gesta. In: *Acción*, Montevideo, a. VI, n. 155, 24 de maio de 1937, p. 4-5; Getulio Vargas es un peligro para la libertad de Brasil y de América. Las promesas demagógicas de 1930 y de América. In: *Acción*, Montevideo, a. VI, n. 163, 30 de outubro de 1937, p. 2-3; El golpe fascista en el Brasil. In: *Acción*, Montevideo, a. VI, n. 164, 20 de novembro de 1937, p. 1-2. Ver também os textos que denunciaram a formação e os desdobramentos do *Estado Novo*. *Ibidem*, p. 1-2; Frontera cerrada. In: *Acción*, Montevideo, a. VI, n. 166, 20 de janeiro de 1938, p. 8; DEL BRASIL, Juan. La visita de Aranha a



seu ideário de luta anti-imperialista, suas reivindicações de criação de uma legislação que amparasse os trabalhadores e a luta para uma transformação mais profunda do Brasil.<sup>56</sup>

Em janeiro de 1941, *Marcha* publicou um manifesto de Roberto Sisson, secretário geral da ANL, que fora escrito para ser publicado em diversos periódicos das Américas, que conclamava ao apoio das “forças democráticas latino-americanas” para estabelecer a democracia no Brasil. Segundo Sisson, o Brasil era imprescindível para a segurança do continente americano. Suas palavras de conclusão eram: “Viva a solidariedade americana! Viva a paz, a neutralidade e a democracia americana! Viva a industrialização latino-americana! Viva o general Luis Carlos Prestes!”<sup>57</sup>

No final daquele mesmo mês, foi publicada uma minibiografia elogiosa de Prestes por três exilados brasileiros que viviam no Uruguai: o escritor Ivan Pedro de Martins, e os tenentes aviadores José G. da Cunha e Carlos Brunswick França. O pedido reforçava os anteriores: “Salvem a Prestes!”<sup>58</sup>

O Brasil continuou a ter destaque em *Marcha*, a partir de 1939, com manchetes de primeira página, reportagens analíticas e imagens que buscavam desvendar os enigmas de um país tão próximo, mas ao mesmo tempo tão distante, que nos mapas de geografia aparecia como um gigante sobre o pequeno Uruguai – em termos geográficos relativos.

Existia algum país latino-americano que era visto como um exemplo nos anos 30 e inícios dos 40? De certa forma o México, que era visto, com algumas reservas, como o país que poderia trazer inspirações em áreas como a reforma agrária, defesa das reservas petrolíferas e

---

Washington y el neogetulismo. In: *Marcha*, Montevideo, a. I, n. 2, 30 de junho de 1939, p. 13; MARTINS, Domingo José. La dictadura de Vargas y la Alianza Nacional Libertadora. In: *Marcha*, Montevideo, a. I, n. 4, 14 de julho de 1939, p. 10; Carta sobre la política brasileña. In: *Marcha*, Montevideo, a. I, n. 6, 28 de julho de 1939, p. 11; La dictadura de Vargas. In: *Marcha*, Montevideo, a. I, n. 10, 25 de agosto de 1939, p. 10; G. Vargas el simulador. In: *Marcha*, Montevideo, a. I, n. 17, 13 de outubro de 1939, p. 11; ¿Está el Brasil en vísperas de revolución? In: *Marcha*, Montevideo, a. II, n. 30, 12 de janeiro de 1940, p. 7; La tragedia del pueblo brasileño. In: *Marcha*, Montevideo, a. II, n. 50, 07 de junho de 1940, p. 4 e 7; El Brasil y la defensa continental. In: *Marcha*, Montevideo, a. I, n. 51, 14 de junho de 1940, p. 6; El discurso del dictador brasileiro. In: *Marcha*, Montevideo, a. II, n. 54, 05 de julho de 1940, p. 5; Los tenientes en la política brasileña. In: *Marcha*, Montevideo, a. IV, n. 143, 26 de junho de 1942, p. 15; entre muitos outros até 1945.

<sup>56</sup> La situación del Brasil. In: *Acción*, Montevideo, a. V, n. 124, 13 de janeiro de 1936, p. 4 e 7. Mas a visão estampada nem sempre era negativa. Em um pequeno texto publicado por Waldo Franck – que se tornará um colaborador importante de *Marcha* – o povo brasileiro estava engendrando com originalidade e criatividade os primeiros passos de um porvir de esperanças. Assim, era preciso ajudá-lo em sua luta contra as “oligarquias” e contra a repressão governamental. Cf. FRANCK, Waldo. El pueblo brasileño. In: *Acción*, Montevideo, a. VI, n. 157, 22 de junho de 1937, p. 2.

<sup>57</sup> Del Cdte. Roberto Sisson. La Alianza Nacional Libertadora. *Marcha*, Montevideo, a. III, n. 80, 10 de janeiro de 1941, p. 4.

<sup>58</sup> Luis Carlos Prestes. *Marcha*, Montevideo, a. III, n. 81, 24 de janeiro de 1941, p. 6.



estímulo estatal à educação e às artes, respeitadas as especificidades e as necessidades de cada país.

Não podemos nos esquecer de que Quijano havia discursado a favor do México, quando vivia em Paris, em 1925. Naquela ocasião, Quijano aprovou os caminhos revolucionários e seus desdobramentos, particularmente no que tocava ao projeto de reforma agrária e os investimentos em educação. Além disso, para o jovem intelectual, o México havia se transformado no principal bastião da luta anti-imperialista diante dos Estados Unidos. Posteriormente ao discurso, Quijano foi convidado a visitar o México durante 15 dias, ao lado do argentino José Ingenieros, e escreveu vários artigos em *El País* sobre o que viu em sua estadia, entre 28 de fevereiro e 20 de abril de 1926.<sup>59</sup>

E o Chile da Frente Popular? Como foi visto em *Acción e Marcha*? Foram publicados artigos que evidenciavam tanto o apoio sobre a formação da Frente Popular no Chile quanto à luta aprista no Peru. Ao lado dos desdobramentos pós-revolucionários mexicanos, da luta dos nacionalistas porto-riquenhos, da Aliança Libertadora Nacional do Brasil, e da *Fuerza de Orientación Radical de la Joven Argentina* (FORJA), a Frente Popular chilena e o aprismo peruano eram visto como os movimentos que lutavam contra o imperialismo, as oligarquias e os fascismos.

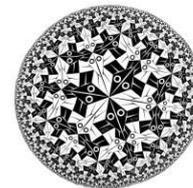
Do mesmo modo, os redatores recomendavam as revistas que os leitores deveriam procurar e consultar, pois apresentavam textos anti-imperialistas e genuinamente latino-americanos. Entre outras, elencaram *Repertorio Americano* (Costa Rica), *Crisol* e *Nuevo Continente* (México), *Claridad*, *Correspondencia Indoamericana* e *Itinerario de América* (Argentina).

### Considerações finais

No que toca ao projeto de formação de uma união latino-americana, é possível advertir uma oscilação entre os anos iniciais de *Acción* e a fase de transição de *Marcha* em meados dos anos 40. Ainda que não deixassem de preconizar aquele projeto de integração entre os “Estados Desunidos do Sul”, Quijano e outros redatores argumentaram que ele consistia em uma “utopia”, um “recurso retórico” ou até mesmo “uma vaga fórmula de jogos florais”.<sup>60</sup> *Marcha*, a partir

<sup>59</sup> Cabe ressaltar que Quijano preferiu denominar a reforma agrária de “evolução agrária”, a partir do exemplar de 10 de abril de 1926, pois infelizmente até aquele momento pós-revolucionário não conseguia visualizar um projeto bem arquitetado para a sua definitiva solução. Cf. QUIJANO, Carlos. La reforma agraria en Méjico [sic]. Un ensayo de transformación social. *El País*, Montevideo, 28 de fevereiro de 1926, p. 3.

<sup>60</sup> QUIJANO, Carlos. La Conferencia Regional del Plata. *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 82, 31 de janeiro de 1941, p. 5.



daquele momento, migrou para a defesa de acordos regionais e de uniões aduaneiras, como plataforma inicial para arquitetar a ainda distante integração da América Latina:

Presente-se que vamos à formação de grandes confederações de Estados e compreende-se que será necessário empreender novamente o caminho que, sobretudo, o abusivo protecionismo ianque ensinou a fechar: a liberdade internacional do comércio. Se não soubermos nos unir, os grandes, que serão depois desta guerra maiores e mais fortes, nos esmagarão.<sup>61</sup>

Mais do que uma clara visão a respeito do jogo das forças mundiais, importa articular tal revisão operada por Quijano às suas linhagens contextuais uruguaias e latino-americanas, marcadas pela percepção da crise dos pressupostos e das práticas democráticas em todo o continente, bem como da elaboração de projetos de integração mediante governos “ilegítimos” e ditatoriais.

Além disso, podemos argumentar que os *marchistas* traduziam uma importante “contradição” do mundo moderno do entreguerras, caracterizada pela exacerbação dos nacionalismos políticos, ao passo que as trocas econômicas abriam novos canais de circulação<sup>62</sup>. Diante disso, os redatores e colaboradores de *Acción* e de *Marcha*, não poupavam seus adversários, e utilizaram um vocabulário de protesto contra as “democracias” daquele período e seus agentes que as derruíam internamente, representados por dois termos aplicados de forma mais frequente: *darlantinitis* e *floripondismo*.

Ao falar em *darlantinitis*, os autores buscavam traçar um paralelo para os leitores entre a conhecida trajetória do comandante da marinha francesa Darlan, que promoveu uma política colaboracionista com o *III Reich*, ao ser o comandante em chefe das forças armadas do regime de Vichy, e a dos governantes sul-americanos, que falavam em defesa da democracia mediante a sustentação de políticas ditatoriais<sup>63</sup>. Além disso, era ainda mais frequente adjetivar de *floripondistas* os discursos favoráveis tanto à aproximação com os Estados Unidos quanto a quaisquer outros que contrariassem as orientações principais de *Marcha*, e o termo *floripondismo*, que se refere a um adorno rebuscado e de mau gosto<sup>64</sup>, obteve uma ampla acolhida em suas páginas.

<sup>61</sup> QUIJANO, Carlos. La Conferencia Regional del Plata. *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 82, 31 de janeiro de 1941, p. 5.

<sup>62</sup> QUIJANO, Carlos. Panamericanismo, no; acuerdos regionales, sí. *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 57, 26 de julho de 1940, p. 5.

<sup>63</sup> Cf. La darlantinitis, peste *south* americana. *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 167, 18 de novembro de 1942, pp. 8-9.

<sup>64</sup> O *floripondio* é um arbusto solanáceo do Peru, constituído de flores brancas e em forma de filtro. O termo também pode ser utilizado para definir uma estampa de flor grande em um tecido.



O desenlace não poderia ser menos otimista. Segundo os redatores de *Acción e Marcha* os países latino-americanos dificilmente conseguiriam chegar a algum acordo para traçar e pavimentar novos caminhos em conjunto, ancorados na construção de democracias não somente em termos políticos-eleitorais, mas também econômicos e socioculturais. Contudo, era preciso lutar para que isso ocorresse, com significativa participação dos intelectuais.

Por fim, vale ressaltar que a análise de *Acción e Marcha* permite observar que a construção político-ideológico-cultural do anti-imperialismo e do latino-americanismo no Uruguai ultrapassou, em muito, o universo comunista.

Recebido em 15/05/2012  
Aprovado em: 22/05/2013